

RESENHA

MAFFESOLI, Michel. Elogio da razão sensível. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Cídio Lopes de Almeida
[sem revisão por pares]

Resumo:

A obra explora a ideia de uma "razão sensível" proposta por Michel Maffesoli, contrastando-a com o racionalismo moderno e seu enfoque na lógica, separação e objetividade. O autor argumenta que a sociedade contemporânea, marcada pelo tribalismo, emoção e reencantamento do mundo, exige uma nova abordagem que integre o sensível, o imaginário e o não-racional. Ele sugere que a "forma", em sua multiplicidade e dinamismo, serve como uma lente epistemológica privilegiada para compreender a coerência orgânica da vida social, que transcende as dicotomias tradicionais. A intuição, a metáfora e a vivência cotidiana são apresentadas como ferramentas essenciais para uma sociologia que se reconcilie com a complexidade e a vitalidade do mundo. Em suma, o texto defende um "saber dionisíaco" que valoriza o fluxo, a ambiguidade e as afinidades eletivas que moldam a experiência humana coletiva.

Palavras-chaves: razão sensível, pós-modernidade, formismo/forma, vitalismo, comunidade, senso comum.

Anotações

Michel Maffesoli, em sua obra "Elogio da Razão Sensível", publicada em 1998 pela Editora Vozes, com título original "*Éloge de la raison sensible*", propõe uma profunda crítica à razão abstrata que moldou a modernidade e advoga por uma nova postura intelectual, a "razão sensível", mais alinhada com as dinâmicas emergentes da pós-modernidade.

A obra se estrutura em sete capítulos: "Deontologia", "A Razão Abstrata", "A Razão Interna", "Do Formismo", "Fenomenologia", "A Experiência" e "A Iluminação pelos Sentidos".

Crítica à Razão Abstrata (Modernidade) Maffesoli argumenta que o racionalismo moderno, apesar de ter sido um instrumento valioso para a análise individual e social, "esclerosou-se" e se tornou um obstáculo à compreensão da vida em seu desenvolvimento complexo. Essa razão, que ele por vezes chama de "nacionalismo" no sentido de um pensamento hegemônico e totalizante, é caracterizada por sua pretensão científica e sua incapacidade de apreender o "aspecto denso, imagético, simbólico da experiência vivida".

O autor aponta que a razão abstrata é marcada pela separação e fragmentação: Ela depura, reduz, analisa e "corta", fraciona o real, buscando passar do concreto ao abstrato, do singular ao geral, sem considerar a vida em sua complexidade polissêmica e plural. Essa mania classificatória esquece que a existência é uma "constante participação mística", uma "correspondência sem fim" onde opostos se combinam (coincidentia oppositorum).

Dogmatismo e Imposição: A razão abstrata tende a se tornar um "sistema auto-suficiente" e um "dogma morto, seco e esclerosado", perdendo contato com as forças vivas da sociedade. Ela impõe o que "deve ser", em vez de compreender "o que é", e vincula-se ao exercício do poder ("saber é poder").

Negação do Pato. Maffesoli critica como o racionalismo tentou "coibir" a "parte maldita", o "irracionalismo", que é inerente à natureza humana. Essa recusa da intuição, da empatia e do "erotismo do conhecimento" leva a um pensamento "desencarnado" e distante da realidade.

A Razão Sensível (Pós-Modernidade). Em oposição à razão abstrata, Maffesoli propõe uma "razão sensível", uma postura intelectual que busca integrar os afetos, as emoções e o não-racional na compreensão do mundo. Essa nova abordagem se manifesta através de várias temáticas.

O primeiro é sobre o raciovitalismo e pensamento Orgânico. A razão sensível é um "saber dionisíaco" que se mantém próximo do objeto, capaz de integrar o caos e a incerteza. Ela é "dinâmica", "vitalidade", e capaz de integrar seu contrário. O "raciovitalismo" une o conhecimento às "pulsões vitais", buscando uma "ciência criativa" enraizada na totalidade do dado mundano. O pensamento orgânico, em contraste com a separação da razão abstrata, entende que o que vive tende a se reunir e que a vida encontra seu impulso em si mesma, com raízes profundas na tradição.

Apresentação vs. Representação. Em vez de "representar" o mundo em sua "verdade essencial, universal e incontornável", a razão sensível se dedica à "apresentação das coisas", contentando-se em "deixar ser aquilo que é", fazendo sobressair sua riqueza e vitalidade. Trata-se de uma "estratégia da lentidão" e de uma "deontologia" que considera as situações em sua efemeridade e ambiguidade.

O Formismo e a Estética da Existência. Maffesoli introduz o conceito de "formismo" para enfatizar a prevalência da "aparência" e a necessidade de levar a sério tudo o que a razão abstrata consideraria "frívolo". A forma é vista como uma "força de atração", que agrega e agrupa elementos díspares, modelando uma "unicidade" sem

reduzir à unidade. A vida é cada vez mais vivida como uma "obra de arte", com o estilo, a teatralidade cotidiana e a profusão de imagens assumindo um papel central.

Intuição e Senso Comum. A intuição é valorizada como um "vetor importante de conhecimento", muitas vezes enraizada em um "inconsciente coletivo" e na "experiência ancestral". Ela permite uma "visão direta", mais "acompanhante" do que impositiva. O "senso comum" é reconhecido como uma "sabedoria popular" enraizada na vida diária, que "alia o estático e o dinâmico" e resiste às imposições das teorias abstratas.

Vivência e o Vínculo Emocional. A "vivência" (experiência vivida) é central para a razão sensível, pois enfatiza a dimensão comunitária e a "mística do estar-junto". Ela integra paixões, emoções e afetos que a modernidade havia reprimido para a esfera privada, mas que na pós-modernidade invadem o espaço público, criando uma "ambiência erótica" e fortalecendo o "vínculo tribal". O foco passa do "eu" para o "nós fusional".

A Metáfora como Instrumento Cognitivo. A metáfora é vista como um meio privilegiado para apreender a "globalidade societal" e o aspecto "matizado" de um mundo em constante transformação. Ela permite o "transporte do sentido" e mobiliza a "energia social", funcionando como um "atalho filosófico" que ressalta o real sem reduzi-lo.

Maffesoli conclui que a sociedade emergente não pode ser compreendida com os velhos paradigmas da razão abstrata. É necessário um "novo olhar" e uma "ecologia do espírito" que reconheça a complexidade, a ambivalência e o vitalismo que perpassam a vida social. A "razão sensível" é um convite a uma postura intelectual mais humilde e empática, que "corre com o mundo", valoriza o presente e a fruição da existência, e integra o paradoxo e a multiplicidade para desvendar a "lógica interna" dos fenômenos sociais. O autor defende que, ao "sensualizar o pensamento", o conhecimento pode se reconciliar com a vida.